O Povo 24-05-93

Amélia luta pelos pobres

A destemida missionária criou a missão Tremembé

ALCEBÍADES SILVA

"A vida não tem sentido, se não houver bastante preocupação com o coletivo, com as lutas, com os direitos. Só vale a pena quando a gente vive junto com os demais e é capaz de aprender, sobretudo com os simples." A lição foi aprendida pela missionária Maria Amélia Leite, 62, mais da metade dos quais dedicados às lutas populares, à defesa dos fracos, à ajuda aos necessitados. A vida em comunidade é tão importante para ela, que diz que simplesmente já não consegue passar sem isso, um dia sequer. A ponto de trocar a vida em família pelo convívio com uma comunidade de operários, uma aldeia indígena.

Filha de cearenses, Maria Amélia nasceu em Franca, São Paulo, de onde saiu recém-nascida, passando a morar, com a família (o pai era bancário do BB), em vários estados brasileiros e aí deve ter origem o "espírito de retirante", na verdade uma experiência muito rica, que a levava, em 1961 a ingressar na luta operária. Então funcionária da Estrada de Ferro - RFFSA, Amélia apresentava forte engajamento na luta travada por aqueles funcionários, sendo lançada como candidata à diretoria do Sindicato da categoria, em 1963, pouco antes de ser nomeada para uma função burocrática do Ministério do Trabalho.

Foi no Ministério que passou a trabalhar com a Fundação dos Sindicatos Rurais, atuando diretamente no campo, até aposentar-se, em 1977. Ligada, a princípio à Ação Católica Operária - atualmente pertence às comunidades de base - Amélia conheceu momentos difíceis, de repressão e perseguição política, o que, longe de levá-la a desistir, só fortaleceu sua coragem e arrefeceu seu espírito de luta.

Maria Amélia Leite é feliz com a opção de vida comunitária

Em sua missão em favor dos pobres e oprimidos, Maria Amélia, no ano de 1978, passou quatro meses viajando pelo Ceará, Pernambuco, Bahia e Sergipe, onde travou seus primeiros contatos com os índios Xokó, então apenas 23 famílias e hoje mais de 60. Extremamente alegres, amantes da música, das danças e "mangadores deles mesmos, da gente e dos outros", os Xokós, na opinião da missionária, em muito se parecem com os Tremembé, indígenas cearenses com os quais trabalha há cerca de oito anos, no começo sozinha, depois com mais quatro missionários, com os quais criou, em 1989, a Missão Tremembé.

Satisfeita com a opção de vida feita, Amélia fala com paixão e respeito dos índios, "seres de imensa capacidade, inteligência, lógica, sabedoria, paciência e bondade" define a missionária, que na juventude gostou muito de namorar, ir á praia e ainda hoje gosta de dançar, de cantar, de poesia. Coisas que passaram a segundo plano quando abraçou a bela causa a que se dedica. Uma escolha que faria novamente, pois garante que "valeu e vale a pena. Deus me livre de ver-me obrigada a mudar minha vida", teme Amélia.

 O POVO

Delegado descarta guerra com indígenas em Almofala

"Não há risco de guerra. Não há possibilidade de confronto direto, neste momento. A não ser, que as coisas evoluam". É o que assegura o Delegado da Polícia Federal, César Bertosi, que esteve em Almofala (distrito de Itarema), para acompanhar os conflitos entre brancos e índios, decorrentes da demarcação das terras dos Tremembés. A demarcação, que será definida ainda este ano, envolve cerca de 4.900 hectares de terra, uma área onde se encontram alojadas várias comunidades não indígenas.

Para o delegado César Bertosi, "o que há é mais falatório de pessoas do que ameaça real". Acompanhado dos procuradores da República do Ceará, Oscar Costa Filho, e da Paraíba, Luciano Muniz, e do representante da Funai na região, Marcos Clemente, o delegado Bertosi promoveu uma série de reuniões com as comunidades indígenas e não-indígenas. "As reuniões tiveram como objetivo traçar regras de convivência pacífica entre os dois grupos".

Reconhecendo que o problema é difícil, "porque é uma questão social muito profunda, já que envolve moradia", o Delegado acredita que a normalidade prosseguirá até que a demarcação ocorra. "Acredito que na hora da demarcação, as coisas devem se acirrar realmente". O delegado Bertosi retornou de Almofala na sexta-feira, deixando, entretanto, três agentes da PF na área. Os agentes já retornaram e o policiamento do distrito está mantido pelo destacamento normal do Município.

Reserva removerá 14 mil

A situação de ansiedade e angústia dos moradores de Almofala é retratada pelo deputado Stênio Rios, representante da região. Segundo ele, foi inocentemente que algumas das pessoas residentes no distrito assinaram documentos para a comissão da Funai, concordando com uma possível indenização caso fossem retiradas da área. O deputado diz ser inaceitável a posição da Funai nesse caso.

Para ele, é um absurdo querer retirar das terras em questão, cerca de 14 mil habitantes que estão lá produzindo sem dar nenhum trabalho aos governos. As cerca de 2.500 famílias instaladas na área têm suas vidas estruturadas, produzindo em pequenos lotes, mantendo suas criações e plantações e "seria loucura do Governo federal expulsar 13 mil pessoas para acomodar uma minoria indígena" — diz.

De acordo com Stênio Rios, é de apenas 0,2 a 0,5 por cento o índice de habitantes de origem indígena em Almofala e quanto ao cacique Vicente Viana, diz que ele se diz índio, mas sequer nasceu no distrito.